

> Mirando Mundos Possíveis: uma experiência videográfica virtual para (Re)Existir e Curar

Ana Carolina Estrela da Costa

> estrela@gmail.com

**Doutoranda em Antropologia Social
Universidade de São Paulo**

André Luís Lopes Neves

> tupxi@usp.br

**Doutorando em Antropologia Social
Universidade de São Paulo**

Nadja Wozikosky Marin

> nadjamarin@gmail.com

**Doutora em Antropologia Social
Universidade de São Paulo**

doze cineastas de diferentes povos e coletivos com os quais trabalhamos para a realização de minicursos, palestras e outras atividades. No entanto, nada disso se mostrava possível no horizonte sombrio que avistávamos em abril de 2020. Nossos planos de ir às aldeias e depois reunirmos cineastas indígenas em São Paulo tiveram que ser postergados junto a tantos outros planos e, dia após dia, nos acostumamos a passar mais horas na frente das telas do que gostaríamos. As perguntas eram inevitáveis: o que poderíamos fazer, então, junto aos nossos amigos cineastas, a partir de notícias tão tristes e preocupantes que começavam a chegar das aldeias? Como estariam eles, os cineastas e seus parentes, refletindo sobre essa nova doença que se aproximava a cada dia e que nos obrigava a nos isolar?

A partir destas questões e da necessidade de migrarmos nossas atividades para formatos virtuais, começamos a reunir os materiais que viriam depois compor a plataforma. Trabalhamos em duas frentes: primeiro, incentivando e fomentando alguns coletivos e realizadores indígenas a produzirem vídeos sobre a situação da pandemia, de forma ampla e livre em termos de enfoque, conteúdo e linguagem; depois, compondo uma espécie de acervo através de uma pesquisa contínua de mapeamento de produções audiovisuais relacionadas ao contexto da pandemia entre diferentes povos indígenas no Brasil e pelo mundo. Para além de continuarmos de alguma forma conectados, ainda que virtualmente, a ideia era também de compartilharmos informações comumente ignoradas pelos veículos de comunicação, sobretudo em determinados contextos regionais, como em pequenas cidades amazônicas, do interior de Minas Gerais, de Mato Grosso ou de Mato Grosso do Sul.

Por meio dessa dinâmica, a plataforma “Mirando Mundos Possíveis” foi tomando forma e acabou por reunir vídeos de variados formatos, produzidos por coletivos ou realizadores que trabalham de formas diversas, nem sempre “cineastas”, mas, por vezes, lideranças, pajés, professores, agentes de saúde ou outros membros das comunidades. Conectados de diferentes maneiras em torno de um tema, mas heterogêneos entre si, fazem parte deste conjunto de produções audiovisuais dezenas de vídeos curtos, alguns produzidos especialmente a convite da plataforma, outros realizados de forma independente ou por meio de outros projetos. Alguns desses vídeos foram feitos pelo celular, voltados à comunicação entre aldeias ou a determinados contextos regionais, trazendo, por exemplo, lideranças que buscam alertar e orientar suas próprias comunidades. Outras produções, tecnicamente mais elaboradas, trazem relatos sobre a forma como suas comunidades vêm sendo impactadas e sobre as estratégias de prevenção que têm adotado (barreiras sanitárias, uso de medicinas tradicionais, cantos-rezas, encontros de pajés, mutirões, entre outras). Também em resposta a essa chamada, recebemos vídeos que abordam a crise sanitária a partir de outras referências, que deslocam nosso olhar para formas singulares de interpretar e experienciar este momento pandêmico, tais como a narração de histórias tradicionais ou a apresentação de territórios em construção e disputa. Por fim, há vídeos que são resultado de processos mais longos e complexos de produção, filmagem e montagem, como é o caso do curta-metragem “Piny Pyta: A força de nossas medicinas”, do Coletivo Ijã Mytyli, e da websérie composta por três episódios “Nativas Narrativas”, da ASCURI.



Sendo assim, as notícias da pandemia da Covid-19 a princípio os encheram de medo - era frequente questionarem sobre os perigos da doença, o alcance da ameaça, a preocupação com as *fake news* que alcançavam a aldeia, e, sobretudo, o modo como a crise afetaria os trabalhos, as políticas públicas e o abastecimento das aldeias. Entretanto, num segundo momento, a situação passou a mobilizar uma troca de experiências e memórias de tantas e tantas epidemias que já os ameaçaram em outros períodos da história, formulando-se uma consciência de que tais doenças não são coisa de Tikmũ'ün, e sim coisa de "Äyuhuk" (não-Tikmũ'ün); e que as coisas deles são as coisas dos *Yãmïyxop*. Por isso, talvez, na maioria dos vídeos produzidos durante a pandemia, tenha prevalecido o interesse em manter e intensificar as atividades xamânicas - atividades essas responsáveis por promover a proteção e a cura entre os *Tikmũ'ün*, seus aliados, e o mundo que habitam.

1.3 Sobre um novo caminho-história para jovens Manoki e Myky, o Coletivo Ijã Mytyli

A criação do Coletivo Ijã Mytyli de Cinema Manoki e Myky foi praticamente concomitante à da Rede CineFlecha. O evento que precipitou a sua efetivação foi uma visita especial de representantes da instituição de cinema indígena canadense, Wapikoni Mobile, na qual optou-se por uma formalização desses grupos de modo a apresentar melhor esses trabalhos, até então não reunidos, em uma proposta sinérgica mais coesa em agência e sentido. Nesse sentido, não deixa de ser interessante como o encontro de iniciativas tão diversas de cinemas indígenas pode ter um potencial gerativo expressivo. O Ijã Mytyli agregou de modo inédito membros pertencentes a diferentes povos que partilham de uma mesma língua, os Manoki e os Myky, e se encontram divididos entre três núcleos regionais relativamente distantes entre si e heterogêneos. Este coletivo de cinema emerge, portanto, de um esforço por conectar as atividades realizadas em diferentes lugares para contar suas narrativas e concomitantemente traçar rotas que sejam minimamente convergentes.



O potencial da plataforma “Mirando Mundos Possíveis” se mostrou, justamente, em evidenciar para os visitantes do portal a diversidade das produções audiovisuais indígenas contemporâneas, das estratégias de comunicação, dos modos de saber e de transmitir saberes. Fomentando o trabalho de cineastas, coletivos, realizadores e comunicadores indígenas - além de lideranças, rezadores, pajés e curadores, professores e outros mestres e mestras tradicionais -, buscamos com a plataforma contribuir para a divulgação e diálogo dos saberes e linguagens desses povos. A difusão de vozes indígenas mostra-se de fundamental importância, não apenas para colaborar na defesa de seus direitos e modos de existência, mas para oferecer à sociedade perspectivas alternativas aos modos de vida destrutivos e hegemônicos que estão associados ao conturbado momento que atravessamos.

Deixamos aqui o convite para acessar a plataforma, através do link: <<https://redecineflecha.org/mirando-mundos-possiveis/>>.



Recebido em 25 de maio de 2021

Aprovado em 31 de julho de 2021

